

O “MEME DO CAIXÃO” E A DIMENSÃO VERBIVOCOVISUAL DOS ENUNCIADOS

THE “COFFIN MEME” AND THE VERBAL-VOCAL-VISUALITY DIMENSION OF UTTERANCES

Leonardo de Oliveira 1

Natália Rodrigues Silva do Nascimento 2

Resumo: Este artigo visa analisar um meme enquanto enunciado verbivocovisual responsivo ao “meme do caixão”, buscando abordar questões relacionadas às dimensões verbais e extraverbais dos enunciados e às contribuições dessa análise para a leitura de textos em sala de aula. Para tanto, elege-se como embasamento teórico os estudos do Círculo de Bakhtin, com ênfase nos textos que abordam tais dimensões (BAKHTIN, 2016; VOLOCHINOV, 2013), além dos estudos de pesquisadores que partem do pensamento bakhtiniano para investigar a verbivocovisualidade dos enunciados (PAULA, 2017; PAULA; SERNI, 2017). Pretende-se, ainda, tecer considerações sobre a leitura de textos a partir da análise das peculiaridades do gênero discursivo meme quando transposto para espaço escolar (BAKHTIN, 2013; SOBRAL, 2011). A metodologia empregada será o cotejo ou correlacionamento entre textos (BAKHTIN, 2017) e espera-se que este trabalho contribua para os estudos acerca da verbivocovisualidade dos enunciados e para as discussões sobre as práticas de leitura na escola.

Palavras-chave: Gêneros Discursivos. Meme. Verbivocovisualidade.

Abstract: This article aims analyzing a meme as a verbivocovisual utterance responsive to the “coffin meme”, seeking to address issues related to the verbal and extra-verbal dimensions of the utterances and the contributions of this analysis to the school reading practices. Therefore, Bakhtin Circle’s studies are chosen as the theoretical basis, with emphasis on the texts that address such dimensions (BAKHTIN, 2016; VOLOCHINOV, 2013), in addition to the studies of researchers who start from the Bakhtinian thought to investigate the utterances verbivocovisuality (PAULA, 2017; PAULA; SERNI, 2017). Moreover, considerations about the reading of texts will be made by analysing the peculiarities of the discursive genre meme when transposed to classrooms (BAKHTIN, 2013; SOBRAL, 2011). The methodology used will be the correlation between texts (BAKHTIN, 2017) and it is expected that this work will contribute to the studies on the verbivocovisuality of the utterances and to discussions regarding reading school practices.

Keywords: Discursive genres. Meme. Verbi-vocal-visibility.

Mestre em Letras, Universidade Federal de Lavras. Lattes: <https://www.cnpq.br/8707363496089297>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8361-0469>. E-mail: loliveira10091@gmail.com | 1

Mestranda em Letras, Universidade Federal de Lavras. Bolsista do Programa de Apoio à Pós-Graduação da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9724308788713584>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1156-6926>. E-mail: natrodriques2005@gmail.com | 2

Introdução

O meme pode ser considerado um gênero discursivo que é formado geralmente por um texto curto e uma imagem e que tem como intuito provocar humor, reflexão e/ou crítica por meio da construção de uma situação em que há ambiguidade, contradição, paradoxo e várias possibilidades de sentidos. Segundo Vidon (2019), podemos falar em bivalência em se tratando dos memes, uma vez que, ao mesmo tempo em que invocam o riso, provocam também uma reflexão, travando diálogos com discursos produzidos em vários âmbitos de natureza ideológica, social, cultural, econômica, entre outras.

Outra característica relevante desse gênero discursivo é a sua pluralidade de possibilidades de materialização, de modo que, segundo o autor citado acima (VIDON, 2019, p. 8), é quase impossível enquadrar os memes em alguma configuração mais estável, pois esses enunciados dialogam com outros gêneros, tais como HQs, charges, piadas, tirinhas etc., e compartilham inúmeras características com eles, sem, no entanto, enquadrarem-se em nenhuma dessas categorias.

Sobre a questão dos gêneros, é importante ressaltarmos que Bakhtin fala em uma estabilidade apenas relativa em se tratando dos gêneros discursivos (BAKHTIN, 2016), que se modificam e se transformam de acordo e a partir das necessidades dos sujeitos nas práticas sociais. Ainda que a estabilidade relativa seja característica de todo e qualquer enunciado, os memes possuem diversidade de formas, de estilos e de conteúdos que são próprias dos gêneros contemporâneos de ampla circulação na internet, motivo pelo qual a estabilidade desses enunciados pode ser tida como ainda mais relativa, maleável e mutável.

E mais, os memes possuem como peculiaridade a sua condição extremamente marcada de elo na corrente enunciativa, de modo que

são discursos sobre discursos, enunciações sobre enunciações, reportando acontecimentos do presente, mas com os olhos voltados tanto para o passado - num eterno retorno de significações - quanto para o futuro -, num eterno por vir de ressignificações (VIDON, 2019, p. 7).

Essa característica dialógica é própria e geral dos gêneros discursivos, os quais, enquanto enunciados proferidos pelos sujeitos inseridos em determinados campos da atividade humana, respondem e suscitam continuamente outros enunciados, vez que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 26). Entretanto, em se tratando dos memes, esse diálogo é fortemente marcado, uma vez que, por serem geralmente formados por textos curtos, esses gêneros exigem do leitor o conhecimento acerca dos enunciados que o antecedem, sob pena da falta de ciência sobre o que o precede comprometer a sua potencial produção de sentidos. Assim, é muito comum a ocorrência de incompreensões, ainda que momentâneas, entre os sujeitos no momento em que um deles se refere a algum meme que o outro ainda não teve conhecimento. Tal situação é ainda mais comum em diálogos envolvendo crianças e adolescentes de um lado e pessoas de mais idade de outro lado, como pais, avós e tios, tendo em vista que na maior parte das vezes os jovens são os maiores produtores e consumidores de memes e os incluem em seus diálogos cotidianos, extrapolando as condições de circulação imediata desses enunciados.

Além disso, como dissemos, o meme geralmente provoca humor, crítica e/ou reflexão, trazendo um enunciado e/ou um acontecimento anterior e travando com eles um diálogo provocativo, humorado, questionador, avaliativo, o que faz com que o sujeito leitor tenha que conhecer o enunciado e/ou acontecimento provocativo do meme para construir sentidos próximos ao projeto de dizer do produtor do meme e conseguir compreender o humor, a crítica e/ou a reflexão propostos.

Falamos do diálogo entre os memes e outros enunciados que os precedem e que os sucedem. Há, ainda, outra relação de natureza dialógica que o meme, tal qual ocorre com outros tipos de enunciados, traz como característica: o diálogo entre semioses de variadas materialidades. Tal diálogo acontece tanto no nível interno, entre as semioses que constituem o meme, quanto no nível externo, com as semioses que constituem os enunciados precedentes

e seguintes:

O meme [...], este novo gênero que surgiu como um fenômeno discursivo e tem se espalhado não só pelas redes sociais, mas também pela linguagem oral do dia a dia, constitui-se, como um todo discursivo, a partir das relações dialógicas que são estabelecidas em sua dinâmica discursiva, tanto as de forma explícita como as que estão subentendidas na materialidade concreta. A hibridez e a liquidez é que dão vida aos memes, sempre dialogando não só com discursos Outros mas também com aspectos de outra natureza que não os linguísticos (FURTADO, 2019, p. 66).

O diálogo de natureza interna e externa é constitutivo dos enunciados concretos, pois é a partir dessa dinâmica que os falantes empregam a língua em suas relações com outros sujeitos, sentidos, acontecimentos, nas mais variadas práticas sociais. Levado para a sala de aula, os gêneros do discurso são mais bem trabalhados ao serem abordados a partir de suas condições reais de produção, de circulação e de recepção, de modo a se considerar, ainda, o diálogo que eles travam com outros enunciados como elos da corrente enunciativa.

Feitas essas considerações iniciais acerca do gênero discursivo meme, que será o objeto de nossas discussões, destacamos que o objetivo primordial do presente artigo é analisar as diferentes materialidades sógnicas que constituem, num todo integrado, esse enunciado verbivocovisual que reflete e refrata o “meme do caixão”, com o intuito de abordar as questões relacionadas às dimensões verbais e extraverbais dos enunciados e as contribuições dessa análise para a leitura destes enunciados em sala de aula. Para tanto, a partir da metodologia do correlacionamento entre textos (BAKHTIN, 2017), nos embasaremos nos estudos dos pensadores do Círculo de Bakhtin, com ênfase nos textos que abordam as dimensões verbais e extraverbais dos enunciados (BAKHTIN, 2016; VOLOCHINOV, 2013), em cotejo com os estudos de pesquisadores que partem da teoria bakhtiniana dos estudos da linguagem, dos sujeitos e dos sentidos para investigar a verbivocovisualidade dos enunciados (PAULA, 2017; PAULA; SERNI, 2017), além das discussões sobre o trabalho com os gêneros discursivos em sala de aula (BAKHTIN, 2013; SOBRAL, 2011).

Dessa forma, dividimos o presente artigo em três partes. Na primeira delas, discorreremos sobre os conceitos de gêneros do discurso e de enunciado para o Círculo de Bakhtin, traçando relações com o trabalho com o gênero meme em sala de aula. Na segunda parte, abordaremos o conceito de verbivocovisualidade e as suas potencialidades para a análise de enunciados sincréticos. E, por fim, na terceira parte, analisaremos o meme sobre “meme do caixão”, refletindo a respeito da leitura desse enunciado em sala de aula, com ênfase na sua transposição didática.

Uma abordagem bakhtiniana sobre o trabalho com gêneros discursivos em sala de aula

Segundo Bakhtin (2016, p. 11), os falantes empregam a língua por meio de “enunciados (orais e escritos) concretos e únicos” que refletem e refratam as características dos campos de atividade humana em que estão inseridos por meio do estilo, da construção composicional e do tema que adquirem nas práticas sociais reais. Tal conceito vincula obrigatoriamente os enunciados às práticas humanas, de forma que não é possível pensar em gêneros sem pensar na língua em uso pelos falantes durante as mais diversas possibilidades de interação com o outro (sujeito, lugar, acontecimento, sentido...). Disso resulta a dificuldade da análise de textos em sala de aula quando desvinculados de suas condições de produção, recepção e circulação e do uso efetivo da língua pelos falantes em determinada situação interacional.

Além da advertência sobre a necessária vinculação dos enunciados à língua em uso pelos falantes no momento da interação, Bakhtin (2016) aborda a caracterização dada aos

enunciados pelos campos das atividades humanas, pois afirma que são esses campos que determinam o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo, elementos que, juntos, como um todo indissolúvel, constituem os *tipos relativamente estáveis de enunciados*, ou *gêneros do discurso*.

No momento em que pensamos em construção composicional, em conteúdo temático e em estilo, temos que considerar que essas características são indissociáveis e formam o todo arquitetônico dos gêneros discursivos. Assim, por um lado, temos que os gêneros são construções sócio-históricas, uma vez que, quando um sujeito produz um enunciado, ele usa outros enunciados do mesmo campo da atividade humana como modelo. Há um movimento de retroalimentação, em que os enunciados são produzidos de acordo com outros do mesmo gênero, ao mesmo tempo em que cada novo enunciado provoca mudanças, mais ou menos perceptíveis, no comportamento dos enunciados no campo da atividade humana de que fazem parte. Por outro lado, cada enunciado é único e irrepetível e acontece em uma situação concreta de interação entre os sujeitos. Mesmo que pareçam iguais, cada manifestação de um “mesmo” enunciado produz novos sentidos; os sujeitos e os acontecimentos, de igual modo, sempre são outros.

A construção composicional pode ser tida como esse modelo, como as possibilidades de uso da linguagem que existem dentro dos campos de atividade humana de que o enunciado faz parte. O estilo se manifesta por intermédio das escolhas que o sujeito faz a partir dessas possibilidades. É por meio dessas escolhas que o sujeito sinaliza a sua posição e o seu tom volitivo-emocional. E, referindo-nos ao conteúdo temático, ainda que os enunciados pertencentes a um mesmo gênero discursivo possam ter assuntos afins, o tema de cada enunciado é único e irrepetível, uma vez que está relacionado às posições ideológicas dos sujeitos envolvidos na interação. São esses elementos, indissociáveis e interdependentes, que constituem o todo arquitetônico dos enunciados, os quais respondem e suscitam continuamente outros enunciados na corrente discursiva.

Não temos a pretensão de esgotar esse tema, pois mais importante do que abordar os elementos que compõem os gêneros é ressaltar a importância do projeto de dizer do sujeito que enuncia em uma situação discursiva, uma vez que são as escolhas do sujeito que constituem os enunciados e definem, dentro das possibilidades daquele campo de atividade humana, sua construção composicional, seu estilo e seu conteúdo temático. Desse modo, se retirado de seu ambiente de produção, circulação e recepção e transportado para outro ambiente, como a sala de aula, por exemplo, o enunciado adquire outras características e já não se comporta da mesma forma:

Os gêneros se caracterizam (Bakhtin/Medviédev, 1991) como *ideologia criadora de forma*. Toda valoração envolve uma relação ativa entre locutor e destinatário, o que mostra que gênero não é uma categoria textual, mas discursivo/enunciativa. Não se trata de uma forma fixa, mas forma sujeita a alterações as mais diversas, com graus maiores e menores de ‘liberdade’ do sujeito, entendido como mediador entre o socialmente possível e o efetivamente realizado, sujeito cujo agir varia conjunturalmente, isto é, nos termos das circunstâncias específicas de suas vivências, de suas relações sociais (SOBRAL, 2011, p. 39).

Assim, ao ser realizada a transposição do enunciado de seu ambiente de produção, circulação e recepção para a sala de aula, todas as características do contexto e dos sujeitos também precisam ser abordadas, com o intuito de aproximar o ensino das escolhas e dos projetos de dizer do sujeito que produziu o enunciado em determinada prática social durante a interação com o outro, constituindo-se na e pela linguagem. Refletir sobre questões como quem produziu o enunciado, para quem, em que situação, quando, com que intuito, para chegar a que resultado, de que maneira, o que esse enunciado responde, o que ele suscita, entre outras, auxiliam nesse processo de investigação do enunciado como *“unidade real da comunicação discursiva”* (BAKHTIN, 2016, p. 22 - itálico do autor), além, é claro, da preocupação constante

do educador acerca da relevância desse enunciado para a sua proposta pedagógica.

Ainda que tenham características semelhantes (temática, estilo, materialização linguística, verbal, visual, sonora etc.), dentro de cada campo da atividade humana em que são produzidos, recepcionados e em que circulam, esses enunciados compartilham não só a heterogeneidade peculiar das variadas e incontáveis esferas discursivas, mas também a evolução e a mudança dessas práticas ao longo do tempo e em conformidade com os locais em que se realizam. Nesse sentido, Bakhtin (op. cit., p. 12) afirma que:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. Cabe salientar em especial a extrema *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos) (itálico do autor).

Ao considerarmos toda essa heterogeneidade destacada pelo autor, temos que admitir que o estudo dos gêneros discursivos em sala de aula pautado em listas com características linguístico-textuais e possibilidades fechadas de formas e conteúdos dos enunciados se revela infrutífera, uma vez que no momento em que se deparam, fora da escola, com enunciados pertencentes ao gênero abordado, os alunos percebem que a lista fechada de atributos apresentada pelo professor, pelo livro didático ou pela atividade não condiz com a materialização do enunciado na realidade, o que pode causar frustração e/ou desinteresse por parte desses alunos em relação à temática trabalhada na escola.

Sobre o tema, Geraldi faz um alerta acerca do uso dos gêneros do discurso para um ensino gramatical que não considera a estabilidade apenas relativa dos enunciados. Tais abordagens retiram a relação indissociável com os sujeitos e com as situações discursivas que caracteriza os enunciados, desvinculando-os de suas condições reais de uso da linguagem:

Infelizmente, muitos dos trabalhos com base em gêneros discursivos, tomando Bakhtin como fonte de inspiração, seguiram a tradição dos estudos da linguagem: definir as estabilidades, esconder as instabilidades e fixar a questão do gênero em sua composição formal, esquecendo que esta, ao se deixar penetrar pela vida, desestabiliza-se (GERALDI, 2015, nota de rodapé p. 116).

Bakhtin, em seu texto “Questões de estilística no ensino da língua”, tece críticas ao ensino que tem como único enfoque as questões estruturalistas e formais dos textos e lança o seu olhar de professor sobre a problemática que ainda hoje não foi solucionada:

É necessário tirar os alunos do beco sem saída da linguagem livresca, para colocá-los no caminho daquela utilizada na vida: uma linguagem tanto gramatical e culturalmente correta, quanto audaciosa, criativa e viva. A linguagem livresca, impessoal e abstrata, que ainda por cima se gaba ingenuamente da sua erudição pura, é sinal de uma educação pela metade. Uma pessoa completamente adulta no sentido cultural não utiliza essa linguagem (BAKHTIN, 2013, P. 42).

Em se tratando do meme, gênero em que, por um lado, há pouco ou nenhum texto verbal e, por outro lado, os textos verbais existentes são curtos e não obedecem geralmente aos requisitos formais do nível da oração, o sujeito que interage com esses enunciados precisa

mobilizar conhecimentos que extrapolam os aspectos estruturais e que se relacionam com as manifestações desse gênero nos ambientes em que é produzido, circula e é recepcionado. Além disso, o leitor tem que conhecer os outros enunciados com os quais o meme dialoga, a fim de compreender o humor, a crítica ou a reflexão proposta pelo sujeito enunciativo.

Tendo em vista o empobrecimento comumente observado nas abordagens dos gêneros no contexto escolar, buscaremos aqui problematizar a questão não apenas apontando as características do meme selecionado para esse estudo, mas, principalmente, observando as suas determinações sociodiscursivas, atentando-nos, para tanto, às suas situações comunicativas, aos seus contextos sócio-históricos, ao seu endereçamento, às representações acerca dos seus possíveis interlocutores, aos diálogos que trava com outros enunciados e, por fim, às implicações que a transposição desse gênero para a sala de aula acarreta.

Com base nas questões até então levantadas, assumimos a premissa de que, sendo um enunciado, o gênero meme só tem razão de existir num dado meio social, com uma determinada finalidade comunicativa e com destinação a um dado auditório. Por conta disso, entendemos que a sua análise e compreensão para fins educacionais deve, portanto, levar em consideração todos os fatores extralinguísticos que o cercam, que o constituem e que, de alguma forma, o integram implícita ou explicitamente. Ao procedermos dessa forma, somos levados a incorporar à análise do gênero esses aspectos não verbais da sua constituição e a enxergarmos a sua indissociabilidade dos sujeitos, dos enunciados dos quais resulta e aos quais desencadeia e dos meios em que toma corpo.

No que tange a essa dimensão não verbal dos enunciados, Volochinov (2013, p. 170-1) a compreende como a “parte subentendida da enunciação” e pontua que, ainda que uma enunciação seja dotada de um significado mais ou menos sedimentado, tal significado só adquire vida nas enunciações concretas das quais pode vir a fazer parte e, somente imerso em uma corrente enunciativa, esse significado, latente fora dela, pode suscitar sentidos. O estudioso exemplifica essa questão com a sentença “Ah, é assim”, sobre a qual afirma que, ainda que ela pareça compreensível para qualquer sujeito que partilhe a mesma língua, são as diversas condições em meio às quais essa expressão é utilizada que possibilitam a sua realização enquanto enunciação, pois é somente associada aos sujeitos em jogo, às situações comunicativas em que se dá e ao contexto de sua enunciação, que sentidos podem ser atribuídos a ela. Como todos esses elementos determinantes da enunciação são mutáveis, o seus sentidos consequentemente também o são. Eis o motivo pelo qual Volochinov defende que “é precisamente a *diferença das situações que determina a diferença dos sentidos* de uma mesma expressão verbal” (2013, p. 172 - itálicos originais).

Em termos gerais, a referida parte não verbal da enunciação compreende o que o estudioso chama de situação, que para ele consiste num conjunto de elementos não verbais inerentes a qualquer enunciação, a saber, “o espaço e o tempo em que ocorre a enunciação - o “onde” e o “quando”; o objeto ou *tema* de que trata a enunciação - “aquilo de que” se fala, e a *atitude* dos falantes face ao que ocorre - “a valoração”” (VOLOCHINOV, 2013, p. 172 - itálicos e aspas originais). Se esses componentes extralinguísticos são constitutivos das enunciações, podemos concluir que todo e qualquer enunciado transcende, em sua realização concreta, a significação exclusivamente pela palavra. O sentido desse enunciado emerge do seu contato com a realidade à qual está imbricado. Em outras palavras, o que faz de um item lexical uma enunciação é o diálogo que estabelece com palavras-outras, diálogos estes promovidos por sujeitos imersos em contextos sócio-históricos e ideológicos e por meio dos quais nuances de sentido únicas e irrepetíveis podem vir à tona ao sabor das transformações constantes pelas quais todos estes elementos constituintes da enunciação passam. Logo, o contato da palavra com o mundo a transforma em algo de maior amplitude, convertendo-a em um todo ao qual se agregam outros “materiais” diversos do signo linguístico, o que abre à expressão humana diferentes conformações de concretização sócio-histórica. Nesse sentido, tudo o que acompanha e/ou integra a palavra, em seu sentido enunciativo, é passível de produzir sentido. Volochinov, ao tratar da forma das enunciações, reflete que “ainda que a enunciação esteja privada de palavras, bastará o som da voz - entonação - ou somente um gesto. Fora de uma expressão material, não existe enunciação, assim como também não existe a sensação” (2013, p. 173 -

174 - itálicos originais).

Essas considerações nos levam a outra noção importante ao presente estudo: a citação acima trazida nos mostra que a sensação é um dos modos pelos quais apreendemos o mundo e, nessa linha, entendemos que, assim como os demais itens extraverbiais já mencionados, ela própria se incorpora às enunciações. Assim sendo, é de se esperar que todo dizer evoque sensações e que, por isso, associemos a todo dizer imagens e/ou sons, cheiros, texturas, sabores, lembranças, sentimentos etc. Portanto, todo dizer é, em alguma medida, sinestésico, termo ao qual nos referimos a partir do conceito de verbivocovisualidade e sobre o qual nos debruçamos a seguir.

A verbivocovisualidade dos enunciados

Por intermédio da metodologia do cotejo ou correlacionamento, compreendida pelos filósofos do Círculo de Bakhtin como o diálogo entre textos e, conseqüentemente, entre sujeitos (BAKHTIN, 2017, p. 67), que faz com que seja possível, a partir do embate entre vozes distintas, uma análise mais ampla acerca do nosso objeto de estudo, relacionamos a teoria bakhtiniana com estudos que se debruçam sobre a verbivocovisualidade dos enunciados. Tais estudos partem da teoria do Círculo de Bakhtin e extrapolam seus conceitos, uma vez que pensam as concepções bakhtinianas aplicadas a textos cujas materialidades não se limitam à verbal.

A amplitude das discussões bakhtinianas faz com que esses estudos sejam possíveis, tendo em vista que, ainda que os filósofos do Círculo de Bakhtin tenham se concentrado nos textos verbais (romances, por exemplo), eles abordaram a linguagem de forma ampla e não deixaram de considerar outras materialidades, como gestos, expressões faciais, pinturas, música, atos, entre outras.

Segundo Paula e Serni (2017, p. 180), “a verbivocovisualidade diz respeito ao trabalho, de forma integrada, das dimensões sonora, visual e o(s) sentido(s) das palavras”, de modo a considerar os enunciados em “sua potencialidade valorativa, como unidade complexa” (PAULA, 2017, p. 293). Nesse sentido, ao analisar a verbivocovisualidade em filmes de animação, Paula (2017) afirma que:

Nos enunciados sincréticos, o olhar, os gestos das personagens, o tom emotivo-volitivo de sua prosódia, a trilha sonora, o enquadramento, o figurino, a coloração, a movimentação e a posição da câmera e das personagens são alguns dos elementos que constituem não apenas cada cena, mas todo o enunciado, em sua arquitetônica composicional. O filme de animação é um exemplo de como cada um desses elementos, não isoladamente, mas sobrepostos de maneira harmônica, constituem o enunciado - não como estrutura vazia, mas em sua potencialidade valorativa singular, marcada, no caso, pelo estilo autoral dos diretores [...] (PAULA, 2017, p. 297).

A verbivocovisualidade, pensada em conjunto com a noção bakhtiniana de gêneros discursivos e de enunciação, propicia a análise dos enunciados concretos a partir do diálogo que eles travam internamente, entre as semioses que os constituem, e externamente, com os enunciados que os antecedem e que deles decorrem na corrente enunciativa. Dessa forma, o cotejo entre os conceitos elencados se alinha à complexidade do enunciado a ser analisado, ao mesmo tempo em que o próprio caráter marcadamente verbivocovisual do gênero justifica tal método correlativo, uma vez que nos permite descortinar tanto o enunciado em si, em toda a sua riqueza semiótica, quanto a corrente de que faz parte, contemplando ainda os seus contextos e situações de produção, circulação e recepção, bem como os sujeitos envolvidos nessa dinâmica. Ademais, a assunção da verbivocovisualidade das enunciações nos leva à compreensão de que todos os elementos que fazem parte destas são inevitavelmente perpassados por diferentes sistemas sígnicos, pois lembremos que, em termos discursivos, tudo se constitui no diálogo, que se dá inclusive, e invariavelmente, entre essas materialidades semióticas.

Reforçando a ideia apresentada pelos estudos de Paula e Serni (2017), Bakhtin (2011)

abordou a questão da inexistência de enunciados puros ao afirmar que

É claro, todo texto (seja ele oral ou escrito) compreende um número considerável de elementos naturais diversos, desprovidos de qualquer configuração semiótica, que vão além dos limites da investigação humanística (linguística, filológica, etc.) mas são por esta levados em conta (a deterioração de um manuscrito, uma dicção ruim, etc.). Não há nem pode haver textos puros (BAKHTIN, 2011, p. 309).

Nesse sentido, até mesmo em um texto escrito, as condições físicas do papel em que é impresso e as escolhas do sujeito no que se refere à diagramação, ao uso de negrito e do itálico, ou mesmo a opção por esse ou por aquele termo, demarcam o posicionamento do sujeito e contribuem para a produção de sentidos, de modo que não há como falar em enunciados puros. Além disso, ao considerarmos o enunciado como elo na corrente enunciativa, sempre respondendo e suscitando continuamente outros enunciados, temos que levar em conta, também, que esse diálogo atua diretamente na compreensão responsiva dos sujeitos, tendo em vista que durante a interação discursiva o sujeito busca no enunciado em curso e nos que o antecedem os elementos que tornam possível a produção de sentidos, de forma que um enunciado primordialmente verbal pode estimular o sujeito a evocar um outro constituído por semioses verbais, visuais e sonoras com o qual dialoga, por exemplo.

Esse movimento é muito evidenciado em se tratando dos memes. Nesse gênero há um diálogo entre as semioses que os constituem no nível interno, posto que geralmente são constituídos por meio de textos verbais, imagens, cores, citações de outros textos, entre outros, de modo que a produção de sentidos necessita da compreensão do todo arquitetônico formado por essas semioses em diálogo; mas os memes também se constituem por meio do diálogo no nível externo, com outros enunciados com os quais dialoga e com a parte extraverbal, situação e auditório, cuja atuação nesse processo de produção de sentidos é determinante.

Nessa perspectiva, Volochinov afirma que a resposta a um enunciado verbal não precisa, necessariamente, ter natureza verbal, podendo se materializar por meio de gestos, de fazeres etc., o que ilustra bem o que temos dito acerca do diálogo interno e externo entre as semioses de naturezas diversas. Vejamos:

Habitualmente respondemos a qualquer enunciação de nosso interlocutor, se não com palavras, pelo menos com um gesto, um movimento de cabeça, um sorriso, uma pequena sacudidela da cabeça etc. Pode-se dizer que qualquer comunicação verbal, qualquer interação verbal, se desenvolve sob a forma de intercâmbio de enunciações, ou seja, sob a forma do diálogo (VOLOCHINOV, 2013, p. 162-163).

Os componentes não verbais internos e externos da enunciação são, como se pode observar, indissociáveis da expressão linguística e apontam para o fato de que não podemos desconsiderá-los ao buscarmos compreender a existência e a dinâmica de qualquer gênero discursivo e, para fornecermos uma noção mais clara do quão pertinente o conceito de verbivocovisualidade se mostra para o campo da filosofia da linguagem, observemos que o impacto que o extraverbal exerce na construção de sentidos nos mostra que se até mesmo os enunciados que consideramos como estritamente verbais são, na realidade, dotados de uma dimensão não verbal constitutiva, aqueles que agregam tal dimensão de forma explícita não podem deixar de serem observados em sua exuberância verbivocovisual característica.

Dado o fato de que vivemos, nos constituímos, experimentamos o mundo por intermédio de todo esse repertório de gêneros enunciativos cujo verbal e o não verbal estão intrinsecamente articulados, não podemos nos esquivar de considerar essa integração tão importante de semioses quando do ensino sobre gêneros no contexto escolar. E é segundo esse raciocínio

que faremos apontamentos para uma leitura mais profícua do gênero meme em sala de aula.

O meme enquanto enunciado verbivocovisual

O “meme do caixão”, que se tornou viral a partir de uma reportagem veiculada pela BBC News Brasil em julho de 2017 sobre os ritos fúnebres de Gana (disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40734577>), ganhou várias versões nas redes sociais e no *YouTube* e esteve atrelado geralmente a vídeos que apresentam uma situação em que as pessoas passaram por risco extremo de morte ou de se machucarem seriamente. Em tais vídeos, cada cena de pessoas em uma situação de perigo de morte é cortada antes de ser possível ao espectador tomar conhecimento do desfecho, e, em seguida, é feita a montagem com o vídeo que retrata os ritos fúnebres de Gana, em que alguns homens muito bem vestidos dançam animadamente enquanto carregam um caixão. Tal montagem faz com que pareça que a pessoa não sobreviveu à situação perigosa, o que deu ensejo ao funeral e, conseqüentemente, à dança com o caixão. Alguns exemplos de vídeos nesse modelo foram condensados em um único vídeo pelo canal *Playerzeiro*, no *YouTube* (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3jTesCzrDhw>), publicação que possui mais de três milhões de visualizações. A exemplo desse vídeo, existem inúmeros outros na plataforma de compartilhamento de vídeos, todos eles apresentando em comum a característica de serem produzidos a partir da junção de cenas de pessoas em situações arriscadas seguidas da cena dos dançarinos carregando o caixão.

Podemos afirmar que o mais marcante do “meme do caixão” é justamente a música que acompanha as cenas, chamada *Astronomia* e produzida por Vicetone & Tony Igy, de modo que basta ouvir a música para, como que automaticamente, sabermos que se trata do meme em questão. Ao pensarmos justamente no fato da música evocar o “meme do caixão” e toda a sua arquitetônica enunciativa, propomos a análise do meme abaixo, produzido de modo a travar com o “meme do caixão” um diálogo em que o humor se concentra justamente no fato da música fazer com que o meme seja lembrado. Por meio dessa análise, propomos algumas reflexões acerca do trabalho com esse meme em sala de aula:

Figura 1. meme feito a partir do “meme do caixão”

Psiquiatra: “Você não pode ouvir
imagens”

Eu:



Fonte: https://www.instagram.com/p/B_P5kqOHbMg/

O meme que tomamos como *corpus* perfaz um circuito enunciativo em que reflete e refrata os sentidos do “meme do caixão”, produzindo sentidos outros a partir da sua circulação entre sujeitos e contextos socioideológicos diversos, em especial nos meios digitais. Na sua condição de enunciado, o meme analisado responde ao “meme do caixão” e desloca o seu projeto enunciativo ao direcioná-lo para a questão da evocação à música que integra este último. Ou seja, temos um enunciado dotado de texto e imagem que faz remissão a um outro constituído por imagens em movimento e sons. Se a verbivocovisualidade já se faz presente até mesmo na mais simples das expressões verbais, o diálogo entre esses memes torna explícita essa premissa.

Tendo em vista esse diálogo, o trabalho com o meme na sala de aula precisa considerá-lo como um elo na corrente de enunciados, de modo a levar em conta o fato dele dialogar com outro meme que o antecede, em um movimento retrospectivo em que o leitor precisa conhecer o enunciado anterior a fim de que os sentidos produzidos se aproximem do projeto de dizer do autor, e o fato dele esperar como resposta, em um movimento prospectivo, o riso.

Além disso, o fato de que a produção de sentidos depende do todo formado pelo texto verbal, pela imagem dos dançarinos do caixão em uma posição que indicia movimento e pelos desenhos dos símbolos musicais precisa ser ressaltado, de modo que a leitura feita pelos alunos extrapole o nível verbal do enunciado. Esse conjunto integrado de signos, já verbivocovisual em sua construção composicional, deve ser trabalhado considerando ainda a sua indissociabilidade dos contextos e situações comunicativas em que acontece, já que estes são também constituintes verbivocovisuais do enunciado, o que se torna evidente pela alusão que o meme faz à uma música hoje reconhecida por compor um enunciado que se tornou viral.

Nessa medida, a leitura desse meme deve ser feita de modo a trazer para o acontecimento da sua enunciação no âmbito escolar o maior número possível de fatores sociodiscursivos que circundam a sua propagação na sociedade e que, em geral, são partilhados pelos estudantes. Mas não podemos ignorar, contudo, que a circulação do gênero no espaço escolar de alguma forma o modifica, já que nesse contexto ele passa a atender a projetos de dizer mais específicos, voltados à aquisição de competências discursivas. E mais, dada a natureza metalinguística desse acontecimento, ele não pode se isentar do fato de que a sua existência enunciativa só se explica pela circulação por, entre e para sujeitos sócio-histórica e ideologicamente situados, isto é, não há sentido em se ensinar um gênero desvinculando-o dos sujeitos e dos meios em que toma forma.

O diálogo entre o psiquiatra e o “eu” representado no enunciado é atravessado pelo próprio acontecimento da viralização do “meme do caixão” ao qual responde, sendo que esse “eu” contradiz a afirmação do psiquiatra de que imagens não podem ser ouvidas ao resgatar imediatamente a música que incorpora aquele meme. As notas musicais estampadas e a sensação de movimento sugerida pela imagem dos carregadores de caixão não só fazem menção à música que eles “dançam” como a trazem para a enunciação, numa demonstração relevante à compreensão da dialética que envolve a produção de sentidos a partir do diálogo entre dizeres que se interconstituem ao longo de suas cadeias enunciativas.

Cabe então à leitura de memes na escola, assim como a de qualquer outro gênero, a capacidade de enxergá-lo como resultante de movimentos que o colocam em constante atualização e isso implica em concebê-lo não apenas como um híbrido autônomo de texto e imagem, mas enquanto manifestação viva e dinâmica de vontades discursivas sempre abertas a construção de novos sentidos alicerçados em vivências sócio-linguísticas, sensoriais e socioideológicas de sujeitos em interação.

Considerações Finais

Este trabalho objetivou analisar as diferentes materialidades sócio-linguísticas que constituem, num todo integrado, o enunciado verbivocovisual que reflete e refrata o “meme do caixão”, com o intuito de abordar as questões relacionadas às dimensões verbais e extraverbais dos enunciados e as contribuições dessa análise para a leitura dos textos em sala de aula. Nesse sentido, a partir da investigação de um meme responsivo ao viralizado “meme do caixão”, bus-

camos demonstrar a constituição verbivocovisual de todo e qualquer enunciado, apontando ainda os desdobramentos da constatação desse atributo enunciativo nas práticas de ensino dos gêneros discursivos.

Em consonância com esse intuito, apontamos o quão importante os fatores extraverbais são para o entendimento do meme enquanto gênero e de suas potencialidades verbivocovisuais. Tais fatores extraverbais se relacionam não apenas ao diálogo entre as materialidades sógnicas de naturezas diversas que constituem valorativamente a arquitetônica dos enunciados, mas também com as condições de produção, circulação e recepção desses enunciados nas mais variadas práticas discursivas, o que implica, obrigatoriamente, a se considerar o uso efetivo das línguas pelos falantes em uma situação enunciativa concreta.

Procuramos esclarecer que a verbivocovisualidade do gênero meme advém não apenas do fato de integrar de forma manifesta mais de uma materialidade sógnica, mas de que estas materialidades só funcionam como um todo harmônico e indissolúvel se instauradas em contextos e situações comunicativas viabilizadas por sujeitos que atribuem sentidos a elas no processo da enunciação, criando assim representações acerca desses elementos extraverbais que acabam por serem também assimilados como semioses passíveis de produzirem sentido.

Levadas para o âmbito escolar, tais reflexões apontam para o fato de que os gêneros do discurso são mais bem trabalhados ao serem abordados a partir de suas condições reais de produção, de circulação e de recepção, de modo a se considerar, ainda, o diálogo que eles travam com outros enunciados como elos da corrente enunciativa. Isso se justifica tendo em vista que os gêneros do discurso se realizam em um determinado campo de atividade humana, com um certo objetivo discursivo e visando a um auditório específico, motivo pelo qual a sua análise e compreensão para fins didáticos deve trazer como elementos esses fatores extralinguísticos indissolúvelmente ligados aos sujeitos e aos seus projetos enunciativos concretos.

Tendo em vista essa constituição verbivocovisual dos enunciados, percebemos que a produção de sentidos a partir do meme analisado depende do todo arquitetônico formado pelo texto verbal (Psiquiatra: “Você não pode ouvir imagens” [...] Eu:), pela imagem que sugere o movimento da dança e pelos símbolos musicais, os quais dialogam com o “meme do caixão” e provocam o riso do leitor no momento em que este percebe que a música do meme viralizou a tal ponto que essas semioses, as quais possuem naturezas diversas da música, são suficientes para evocá-la.

Dessa forma, a leitura desse meme em sala de aula deve abordar todos esses elementos verbais e extraverbais que o constituem, trazendo o máximo de fatores sociodiscursivos atrelados à sua condição de enunciado concreto, de modo que, ainda que adquira outras características e finalidades no contexto educacional, esse enunciado conserve sua ligação intrínseca com os sujeitos sócio-históricos e ideológicos em interação, que enunciam tendo em vista uma vontade discursiva. Afinal, lembremos que a sala de aula consiste também em espaço enunciativo no qual a circulação do gênero meme torna-se um novo e ressignificado acontecimento formativo de sujeitos alunos capazes de participar ativa e responsivamente de sua corrente enunciativa, dando a ela sequência e atribuindo-lhe sentidos-outros a partir dos lugares que ocupam. Nesse movimento em que o verbal e o não verbal tomam parte com igual relevância, representações acerca de todos os elementos internos e externos ao enunciado resultam da concorrência de sujeitos, seres, objetos, fenômenos, sensações, sentimentos, entre outros, percebidos ao longo do processo da enunciação pelos seus interlocutores como parte dela mesma. Se captada em profundidade pelas práticas educacionais, essa rede intrincada de relações que constituem o enunciado pode ser explorada com o fim de promover a competência sociodiscursiva dos aprendizes.

Referências

BAKHTIN, M. M. O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 307-335.

BAKHTIN, M. M. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo: Editora 34, 2013. 120p.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016. 176p.

BAKHTIN, M. M. Por uma metodologia das ciências humanas. In: _____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 57-79.

Besouro Chavoso. **Essa imagem já vem com o som embutido kkkkkkkkk [...]** 21 abr. 2020. Instagram: @besourochavoso. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_P5kqOHbMg/. Acesso em: 23 set. 2020.

FURTADO, R. **Diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 299p.

GERALDI, J. W. Os perigos do texto na sala de aula. In: _____. **A aula como acontecimento**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 113-125.

MELHORES memes dos dançarinos de caixão - tente não rir!. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jTesCzrDhw>. Acesso em: 25 abr. 2020.

OS carregadores de caixão dançarinos que alegram funerais em Gana. **BBC News Brasil**, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40734577>. Acesso em: 25 abr. 2020.

PAULA, L. de. O enunciado verbivocovisual de animação: a valoração do “amor verdadeiro Disney” – uma análise de Frozen. In: FERNANDES JÚNIOR, A.; STAFUZZA, G. B. [orgs.] **Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo**. Campinas: Mercado das Letras, 2017, p. 287-314.

PAULA, L.; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. **Raído**, v. 11, n. 25, p. 178-201, 2017. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507>. Acesso em: 26 set. 2019.

SOBRAL, A. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2011.

VIDON, L. N. Prefácio. In: FURTADO, R. **Diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 7-10.

VOLOCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

Recebido em 23 de setembro de 2020.

Aceito em 13 de janeiro de 2021.